



Em dia de protesto, Faculdade de Direito da USP fecha portas

Segundo documento afixado na frente da unidade, objetivo foi evitar danos durante passeata pró-greve na universidade

Manifestantes andaram da av. Paulista até o largo São Francisco pedindo a saída da reitora e eleições diretas para o cargo; ato foi pacífico

TALITA BEDINELLI
DA REPORTAGEM LOCAL

A tradicional Faculdade de Direito da USP amanheceu ontem de portas fechadas. O motivo: uma passeata de alunos, professores e servidores de USP, Unesp e Unicamp, que teria o prédio como destino final.

O grupo, que saiu da avenida Paulista em direção ao largo São Francisco (centro de São Paulo), onde fica a Faculdade de Direito, protestava contra a presença da PM no campus Butantã da USP e pedia a saída da reitora Suely Vilela do cargo. A reitoria foi procurada, mas não quis comentar o ato.

O fechamento das portas, afirmava um documento afixado na frente da Faculdade de Direito, visava à proteção das pessoas e do patrimônio da faculdade. Até as provas que deveriam ocorrer ontem foram desmarcadas de última hora.

Mas a passeata, que chegou por volta das 15h ao local, foi pacífica. O único incidente aconteceu antes mesmo de o grupo chegar ao largo São Francisco, quando o morador de um prédio na esquina das

avenidas Paulista e Brigadeiro Luís Antônio atirou uma garrafa na multidão. Uma estudante que se identificou como Natália foi atingida na cabeça e levada para um hospital, onde recebeu pontos. O homem que atirou a garrafa foi levado à delegacia.

A manifestação começou por volta das 12h, em frente ao vão livre do Masp, e seguiu, a partir das 13h40, pelas avenidas Paulista e Brigadeiro Luís Antônio até o largo São Francisco.

A coordenação da manifestação não chegou a um consenso sobre o número de participantes. Para o Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP), eram 8.000; a Adusp (Associação

dos Docentes da USP) afirma que eram 4.000. A PM diz que eram 3.000.

Os estudantes, funcionários e docentes portavam cartazes com dizeres contra a reitora da USP e pediam eleições diretas para o cargo.

Desde o último dia 5, professores e alunos da universidade estão em greve, em resposta à entrada da PM no campus para cumprir um mandato de reintegração de posse de prédios bloqueados por funcionários, em greve há 46 dias. Na terça retrasada, após um ato na USP, PMs entraram em um confronto com alunos e servidores, deixando um saldo de dez feridos.

Já em frente à faculdade de direito, o jurista Fabio Konder Comparato, professor aposentado da Faculdade de Direito, discursou pedindo a saída da reitora. "Quando não há mais confiança entre os que dirigem e os que são dirigidos, os que dirigem devem sair da direção", disse. "Se o reitor é representante da comunidade, ele deve ser eleito pela comunidade."

Segundo a PM, 270 policiais acompanharam o protesto. A CET mobilizou 20 agentes e oito carros. O protesto fechou todas as faixas da Paulista, no sentido Paraíso, e todas as faixas da avenida Brigadeiro Luís Antônio. Às 16h, a CET registrou 91 km de lentidão (a média para o horário é de 75 km).

REIVINDICAÇÕES

Funcionários pedem 16% de reajuste e incorporação de R\$ 200
» O Cruesp (conselho de reitores) oferece 6,05% de aumento

Readmissão do ex-funcionário Claudionor Brandão, sindicalista, e fim de processos administrativos contra alunos e funcionários

» Reitoria diz que não há processos contra quem atua em greve

Fim da Universidade Virtual do Estado de São Paulo

» O Cruesp diz que cursos a distância democratizam o ensino



Estudantes, professores e funcionários da USP, Unesp e Unicamp em protesto nas ruas de SP

Alunos fazem mobilização contra a greve

DA REVISTA DA FOLHA

Conforme avança a greve na USP, cresce a organização dos estudantes contrários a ela. Amanhã eles se reúnem na praça do Relógio, às 18h55, para um "flash mob" organizado por alunos da ECA (Escola de Comunicações e Artes).

É o que fará Daniel, 19, (que não revelou o sobrenome), fundador da Comissão para Defesa dos Interesses Estudantis.

Com 40 membros, a comissão está promovendo um abaixo-assinado contra a greve. Afirma já ter reunido 3.000 assinaturas. (LETICIA DE CASTRO)

Para diretor, fechar a São Francisco foi "absurdo", mas necessário

DANIEL BERGAMASCO
DA REPORTAGEM LOCAL

Na tarde de ontem, enquanto corria o protesto no largo São Francisco (centro), o diretor da Faculdade de Direito da USP, João Grandino Rodas, falou à **Folha** por telefone sobre o cancelamento das aulas.

★

FOLHA - Por que fechar a faculdade?

JOÃO GRANDINO RODAS - Não foi por medo, mas por precaução, para preservar o patrimônio e as pessoas da faculdade. Não é uma coisa que se faz com gosto. Estamos no final do semestre, e hoje [ontem] era dia de provas.

FOLHA - Qual foi o recelo?

RODAS - Alguns [manifestantes] acham que certos métodos são produtivos. Sabendo disso, eu, como diretor, poderia ser

criminalmente responsável se acontecesse algo e eu não tivesse tomado uma medida de cautela. No passado da faculdade [em 2007, quando foi ocupada por manifestantes], houve alunos e funcionários encurralados nas salas. Puseram cadeados nas grades de portas e janelas. Ou seja: eu sei que é um absurdo fechar a faculdade, mas como não fazer nada quando há dois dias houve aquilo [invasão] no refeitório [na Cidade Universitária]? Infelizmente, não tenho bola de cristal para saber o que esperar.

FOLHA - O senhor combinou o fechamento com a reitora da USP?

RODAS - Ela tinha conhecimento de que a faculdade iria fechar. Foi uma decisão minha, que levei ao conhecimento dela. Não é algo que foi imposto pela reitora.